

A guerra de Putin é contra nós

A invasão russa significa a afirmação imperialista do direito às esferas de influência e a negação do direito dos povos a disporem de si próprios. É a repetição da Hungria em 1956 e da Checoslováquia em 1968.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 20 de Abril de 2022

Não nos iludamos: a invasão da Ucrânia não é só um ataque à Ucrânia. É, muito mais do que isso. É um ataque à ordem internacional, à Europa e à democracia. E é por isso que esta guerra é contra nós: contra os nossos valores e os nossos interesses.

Quando em 24 de Fevereiro a Rússia invadiu a Ucrânia, Putin tinha três objectivos: atacar a ordem internacional multilateral, redefinir a arquitectura de segurança europeia e afastar a democracia e o Estado de direito das suas fronteiras. A Ucrânia era um objectivo em si e Putin já tinha afirmado que não era, sequer, uma nação e não tinha, por isso, direito ao seu Estado. Mas a Ucrânia servia às mil maravilhas de pretexto para os verdadeiros objectivos. Nesse sentido, Putin desenvolvia há mais de uma década uma guerra híbrida contra o Ocidente com duas estratégias: por lado, enfraquecer o vínculo transatlântico e separar os Estados Unidos e a Europa; e, por outro, lançar a divisão entre europeus para enfraquecer a UE.

Antes da invasão esta estratégia estava a colher os seus frutos e a crise do Ocidente parecia um facto. Do lado americano, Trump, fascinado com Putin, tinha hostilizado a UE e descredibilizado a NATO, lançando a desconfiança entre aliados e a tensão entre os dois lados do Atlântico. Com a saída caótica do Afeganistão e sem consulta aos aliados, a administração Biden não só agravou a desconfiança como o sentido do declínio americano.

Do lado europeu, a crise do euro dividiu a Europa entre norte e sul e a crise dos refugiados entre leste e oeste. E a divisão entre europeus foi agravada pelo “Brexit”, no plano internacional e os populismos apoiados por Putin, no plano interno. Mas as razões para a desconfiança transatlântica também existiam do lado europeu. E não eram poucas, a começar pela ambiguidade da Alemanha de Merkel. Por um lado, dependente da segurança americana, por outro, sem nunca renunciar à dependência energética da Rússia e à dependência económica da China. Mesmo em questões estratégicas como Nord Stream II ou o 5G que afectavam a relação transatlântica. O Ocidente vivia, então, os seus piores dias.

Ora, a invasão russa e o cortejo de atrocidades e barbárie que a acompanharam, tal como os crimes de guerra, a catástrofe humanitária e a ameaça, nunca vista, de uso da arma nuclear, mudaram por completo este panorama. E abriram um período de mudança histórica que só ocorre, normalmente, no fim das guerras e cuja institucionalização ainda não se entrevê. Mas uma coisa é certa: independentemente

do destino militar, a guerra da Ucrânia já mudou, radicalmente, as condições da unidade europeia e da aliança transatlântica. Isto é, Putin já perdeu os seus grandes objectivos.

Primeiro, a Europa respondeu de forma rápida e unida. Aplicou sucessivos pacotes de sanções económicas cada vez mais pesadas e medidas de isolamento diplomático à Rússia. Não poupou a solidariedade e abriu as suas portas a uma onda de refugiados sem precedentes. Mais, numa decisão inédita, ao abrigo do European Peace Facility, está a prestar ajuda militar à Ucrânia. Porém, [a mudança radical veio da Alemanha](#). Que cancelou o Nord Stream II e está a reduzir a dependência energética da Rússia. Que decidiu remilitarizar-se e renunciar ao princípio da indivisibilidade da segurança europeia. Isto é, sem a Rússia na comunidade euro-atlântica.

Segundo, toda esta resposta, das [sanções económicas](#) ao apoio militar, está a ser coordenada entre os dois lados do Atlântico. A comunidade de segurança euro-atlântica está a renovar-se e, perante o espectro da ameaça russa, a NATO ganhou uma nova força e uma nova legitimidade. Regressou à sua missão original de defesa colectiva e ganhou uma nova centralidade na segurança europeia. Pode, mesmo, ver-se reforçada com países tradicionalmente neutros que agora, ameaçados pela Rússia, podem pedir a sua adesão como a Suécia e a Finlândia. Mas mais do que isso, a Política Europeia de Segurança e Defesa poderia, agora, evoluir para um exército europeu no quadro da NATO em complementaridade EUA-UE.

Finalmente, a invasão russa significa a afirmação imperialista do direito às esferas de influência e a negação do princípio democrático de os povos disporem de si próprios. Isto é, de a Ucrânia ter direito a escolher o seu futuro: democrático e europeu. É a repetição da Hungria em 1956 e da Checoslováquia em 1968. É o assalto aos valores mais elementares, dos direitos humanos, da liberdade e a democracia. Os nossos valores. Que os ucranianos estão a defender.

<https://www.publico.pt/2022/04/20/opiniao/opiniao/guerra-putin-2003067>